

O cotidiano das populações pré-coloniais na Ilha de Santa Catarina

Diego Rafael Morato de Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

diego.dawsom@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo fornecer um maior entendimento sobre as populações pré-coloniais que habitavam o atual território de Santa Catarina, com um enfoque específico para a Ilha de Santa Catarina. A intenção é tentar compreender minimamente, ao final do artigo, a relação dessas populações com o ambiente, como interferiram na paisagem, seus cultos, como se organizavam socialmente e culturalmente. Com disso, procurar mudar a linha de concepção da maioria dos escritos produzidos sobre Santa Catarina, que tratam sobre os últimos dois séculos da história catarinense e acabam por esquecer as origens nas populações pré-coloniais.

Palavras-chave: Cultura; Sociedade; Populações Pré-coloniais; Meio Ambiente

Title: Pre-colonial populations of Santa Catarina Island

Abstract: This work aims to present some information on the pre-colonial population that inhabited the current territory of Santa Catarina, specially the Island of Santa Catarina. The intention is to understand the relation of the populations that had inhabited here with the environment, how they had intervened with the landscape, theirs cults, and how they were organized socially and culturally. Moreover, our objective is change the conceptions of most of the writings produced about Santa Catarina that concentrate the studies of native people on the last two centuries forget the origins of precolonial populations.

Key words: Culture; Society; Pre-colonials populations; Environment

Muito se produz a respeito dos acontecimentos do século XIX em Santa Catarina. A chegada dos imigrantes, por exemplo, é talvez um dos assuntos mais frequentemente tratados e, dessa maneira, torna-se muito mais difundida e facilitada a sua abordagem, não só no âmbito acadêmico, mas pela memória comum.

Este trabalho visa, no entanto, mudar – mesmo que superficialmente – o enfoque já tão tradicional da literatura histórico-catarinense, que teima constantemente em não olhar para as suas



origens. A intenção não é desmerecer todo o trabalho produzido sobre imigrantes europeus pós-modernos e sua indiscutível contribuição para o crescimento de Santa Catarina em diversos aspectos: demográfico, econômico, social, cultural e outros. Porém, é preciso que as populações ditas “nativas” entrem nesse contexto, não só nos debates científicos de arqueólogos, geólogos e profissionais preocupados em compreender passado, mas também entre as diversas camadas da população, até mesmo como uma forma de consciência e preservação de marcas tão sensíveis deixadas por esses homens “pré-século XV”.

Para se reconstruir o cotidiano de milhares de anos do passado, é necessário que se tenha algumas bases informativas a respeito do ambiente, das relações dos habitantes dessas paisagens com a natureza e entre eles mesmos, suas modificações ante a necessidade de proteção, de alimentação, praticidade, a identificação ritualística, entre inúmeros outros aspectos que faziam parte do elo mantenedor da harmonia geral. Assim, julgo de importância para o desenrolar desse assunto a menção de um referencial de dados que possam ilustrar as tão subjetivas interpretações cabíveis a esse período que, pela ausência de fontes escritas, tem seu entendimento mergulhado em grande complexidade.

A ausência de fontes escritas foi – e ainda é – um grande problema na busca de remontar a vida das populações “pré-históricas”, em qualquer parte do mundo. Aliás, o termo “pré-história” foi aplicado aqui como um gancho para introduzir outro debate provocado pela ausência de fontes. De acordo com Young¹, a distinção entre “história” e “pré-história” não pode se sustentar, já que a história nada mais é que uma análise do passado baseada nas concepções do presente. Assim, todas as marcas, sejam documentos escritos ou artefatos, constituem importantes ferramentas para a compreensão desse passado humano.

Muitos são os erros quando se fala em populações “nativas”. O equívoco vem desde a época de Cristóvão Colombo, que, ao chegar em terras americanas, pensou – ou não – estar chegando às Índias e, dessa maneira, chamou de “índios” aqueles que já habitavam a região. Por isso, o termo “índio”, embora seja amplamente utilizado, não é indicado para se referir a esses homens americanos – seria mais apropriado falar em “pré-colombiano”, “pré-hispânico” e pré-colonial”², para os países de língua espanhola na América Latina.

¹ YOUNG apud FOSSARI, Teresa Domitila. **A população pré-colonial Jê na paisagem da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis, 2004. 339 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2004. p. 21.

² FOSSARI, p. 23.



Com relação à época em que esses homens chegaram ao que hoje é o território de Santa Catarina, há muita divergência. Infelizmente, quanto ao que diz respeito ao entendimento sobre os povos pré-colombianos, as datações não podem ser deixadas à margem, pois são um dos poucos fios de conexão com o momento passado. A impossibilidade de relatos orais e a ausência de escritos faz recair sobre as datações uma importância ainda maior. Alguns autores acreditam que a chegada deles tenha ocorrido por volta de 6000 AP³, enquanto outros recuam um pouco mais e estipulam o ano de 8000 AP. Porém, é praticamente um consenso que essa ocupação – na sua maior parte – tenha se dado do interior para o litoral, ou seja, o atual oeste catarinense foi o “ponto de partida” das populações pré-coloniais que povoaram essa área.

A zona costeira tem uma ocupação um tanto mais tardia, sendo datada aproximadamente em 5200 AP. No entanto, somente por volta de 4500 AP teriam chegado os primeiros grupos de caçadores-coletores⁴. Esses homens foram os primeiros a aportar na Ilha de Santa Catarina⁵ com canoas, balsas ou outros meios aquáticos, além de formarem a primeira das três levas populacionais pré-coloniais que a ilha receberia.

A segunda leva populacional remete ao grupo Jê⁶, que teria ocupado a ilha posteriormente aos caçadores-coletores. Essa população teria desenvolvido um alto grau de intimidade com o mar e, por isso, a sua principal atividade para obtenção de alimento teria sido a pesca. Já a terceira tradição se refere aos guaranis⁷ (carijós), que aqui se encontravam no momento em que os colonizadores europeus chegaram, sendo os primeiros a desenvolver uma agricultura.

Cabe ressaltar que essas populações, embora tendo chegado em momentos diferentes, não se excluíram. De fato, as levas populacionais ocuparam a ilha nessa seqüência dita acima, mas não houve detrimento de uma com o surgimento de outra. Essas populações conviveram no mesmo espaço – a Ilha de Santa Catarina – concomitantemente e ali se desenvolveram, cada qual à sua maneira. Afinal, não há duas sociedades indígenas iguais por mais que ocupem a mesma zona ecológica, pois mantêm a sua individualidade. Essa ressalva se faz necessária porque a maioria dos livros que buscam explicar os grupos que povoaram Santa Catarina antes dos europeus se utiliza de

³ “AP significa ‘antes do presente’, que por convenção é 1950. Trata-se de uma menção à descoberta da técnica de datação do Carbono 14 que se deu em 1952.” GASPAR, Madu. **Sambaqui**: arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p. 8.

⁴ FOSSARI, *op.cit.*, p. 81.

⁵ *Ibidem*, p. 70.

⁶ *Ibidem*, p. 84.

⁷ *Ibidem*, p. 85.



uma rigidez ímpar, fazendo parecer que “durante a noite a ilha era habitada de grupos de caçadores-coletores e ao amanhecer estes haviam se transformado por encanto na tradição pré-colonial Jê”.

Falando especificamente de cada uma dessas levas populacionais, destacam-se as primeiras populações formadas de caçadores-coletores: os sambaquis⁸. Apesar de a estrutura “sambaqui” não ser uma exclusividade de Santa Catarina, aqueles aqui encontrados são de grande importância devido à sua singularidade.⁹

Desses caçadores-coletores, sabe-se que sua alimentação era composta basicamente de alimentos proveniente do mar. A coleta de moluscos¹⁰ era a principal atividade e, em seguida, a pesca, mostrando a forte dependência do ambiente aquático. Quanto ao espaço físico de suas aldeias, a relação estabelecida pelo chamado Homem do Sambaqui com seu espaço se confunde no que tange ao conceito de moradia, que se refere ao local de sepultamento, de culto aos mortos e despejo dos seus restos alimentares. Entretanto, acredita-se que morar nesse espaço, acumular restos de fauna e ali mesmo enterrar seus semelhantes é que davam a identidade aos povos que habitavam o sambaqui.

É importante também recriar o local onde esses sambaquis se fundaram e tentar compreender o porquê dessa localização. Afinal, as habitações são entidades complexas e multifacetadas cujas singularidades estão no significado dado por cada cultura e sua construção gira em torno das necessidades de cada população, sejam elas alimentares, ritualísticas, agrárias etc. Assim, os sambaquis localizavam-se estrategicamente próximo a diversos ambientes com recursos alimentares, pois, caso o mar não pudesse prover as necessidades daquela região, os homens teriam opções vindas das florestas, mangues e outros ambientes, não havendo necessidade de um nomadismo.¹¹

Sua intimidade com o mar era muito profunda e alguns estudos apontam para uma suspeita de pesca em águas profundas, devido a amostras encontradas em alguns sítios que remeteriam a peixes de maior porte e até mesmo alguns artefatos¹² provenientes de restos de tubarões. Desses artefatos, têm destaque os utilizados na tecnologia de pesca e, sobretudo, o trabalho feito com a matéria-prima lítica na produção em grande escala de instrumentos do dia-a-dia, como os machados, batedores e outros. Além das belíssimas esculturas com forma de animais (zoolitos) e, raramente, formas humanas (antropomorfos).

⁸ GASPAR, *op. cit.*, p. 9.

⁹ *Ibidem*, p. 62.

¹⁰ *Ibidem*, p. 10.

¹¹ *Ibidem*, p. 42.

¹² FOSSARI, *op. cit.*, p. 83.



O convívio entre essas populações de caçadores-coletores de diferentes formações de sambaqui foi, ao que tudo indica, harmônico. Populações que viviam em sambaquis diferentes durante o mesmo período exploravam o mesmo ambiente continuamente e não geravam conflito por tal ação. Todavia, quando uma comunidade crescia em demasia, muito provavelmente ocorria uma subdivisão dentro do grupo, que continuava a ocupação de novos espaços dentro do litoral. Essas ações culturais – esculturas de pedra, artefatos bélicos – e sociais – comunidades de sambaquis com funções distintas – mostram um complexo e amplo sistema sociocultural onde estariam inseridas essas populações da Ilha de Santa Catarina.

No cunho religioso, as populações de caçadores-coletores teriam mantido um enorme respeito aos seus mortos e, por isso, os enterravam no seu próprio local de moradia. De fato, muitas vezes foram designados locais específicos para o culto aos mortos, mas os sepultamentos estão presentes na maioria das zonas de moradia. O número de sepultamentos nos ajuda a compreender um outro dado relevante. Comparadas a outros sambaquis, as populações litorâneas catarinenses possuíam uma densidade populacional muito superior. Em alguns sambaquis, foram encontrados mais de 43 mil sepultamentos¹³ num intervalo de tempo estimado de 700 anos; levando em consideração um corte de 25 anos para cada geração, tem-se o número de 1.550 sepultamentos por geração. Entendendo-se que uma população média de homens do sambaqui compreendia entre 180 – as menores – e 600 homens – as maiores –, as populações litorâneas da ilha incharam de uma forma não antes vista em nenhum outro local com resquícios desse tipo de cultura. Isso pode ter se dado devido aos inúmeros recursos de alimentos, proteção e adaptação fornecidos pelo litoral catarinense.

Passo à segunda parte deste estudo para analisar as populações de pescadores pertencentes ao grupo pré-colonial Jê. Por volta de 6000 AP, não ainda na região da Ilha de Santa Catarina, temos um grupo que partilha da mesma concepção de mundo. Alguns pesquisadores convencionaram chamar esse grupo de tradição Humaitá¹⁴.

Como a maioria das populações pré-colombianas, esses homens tinham uma grande dependência das águas e, por tal razão, construíam seus abrigos ao ar livre e próximo de rios. Também dominavam tecnologias para facilitar seu cotidiano e como matéria-prima utilizavam ossos, madeiras e pedras. É comum encontrar objetos de outras culturas nos sítios arqueológicos desse grupo, o que evidencia um contato com culturas distintas das do grupo Jê.

¹³ *Ibidem*, p. 62.

¹⁴ NOTZOLD, Ana Lucia Vulfe. **Nosso vizinho Kaingáng**. Florianópolis: [s. n.], 2003. p. 46.



Por volta de 2000 AP, podemos encontrar significativa mudança nesse grupo, que passa a trabalhar com cerâmica, além de desenvolver uma pequena agricultura de subsistência e habitar casas subterrâneas. Essa tradição recebe o nome de Taquara ou Itararé¹⁵.

Há nesse grupo um desenvolvido sistema de saúde baseado no cultivo de plantas e no conhecimento dos seus diferentes princípios ativos. A horticultura, tida como uma das principais inovações, traz uma série de conhecimentos como as estações do ano, as estrelas, propriedades da terra e tudo aquilo ligado a um bom cultivo dos gêneros de subsistência da aldeia. No que diz respeito às estruturas com fins ritualísticos, aqui aparecem as maiores das aldeias e abarcavam os rituais funerários, também tradicionais dessa cultura. Outras casas, com dimensões menores, podem ter sido utilizadas como eventuais depósitos¹⁶ e não se tem informação sobre qualquer tipo de domesticação de rebanho animal. Dessa forma, com todas essas características culturais, esse grupo evidencia uma complexa organização social.

Mais tardiamente, aparece uma nova modificação no aspecto habitacional. Surgem formatos diferentes e as construções são cobertas com folhas de palmeiras. Essa modificação já bem mais recente – considerando-se o largo período analisado – já nos traz aos povos kaingáng¹⁷, que são uma vertente do grupo pré-colonial Jê, mas que sofreram uma significativa intervenção dos conquistadores ibéricos, o que torna bastante complexo estabelecer uma conexão com os viventes da região da Ilha de Santa Catarina antes da chegada branca.

Com o propósito de estabelecer um contínuo entre essas populações, é válido buscar uma série de complementos aos dados fornecidos pelo texto dentro de outras ciências, como a geografia, a biologia, a antropologia e outras. Dessa maneira é possível construir em todas as vertentes a verdadeira concepção de ambiente dessas populações que formaram suas aldeias e modificaram a paisagem da Ilha de Santa Catarina.

Não tive contato com o material a respeito das populações guaranis antes da chegada dos povos luso-hispânicos em terras americanas, devido à ausência de produção científica sobre esse tema de grande importância na origem pré-colonial catarinense. Por essa razão, não poderei me ater sobre a terceira leva populacional formada pelos primeiros agricultores do litoral catarinense.

De qualquer forma, sejam caçadores-coletores, grupos pré-coloniais Jê ou, mais tardiamente, guaranis, a Ilha de Santa Catarina absorveu em diferentes momentos a sua riqueza material¹⁸ e,

¹⁵ *Ibidem*, p. 49.

¹⁶ *Ibidem*, p. 54.

¹⁷ *Ibidem*, p. 60.

¹⁸ FOSSARI, *op. cit.*, p. 88.



ainda hoje, procura-se estabelecer vínculos que ajudem a esclarecer as atuais sociedades indígenas que permanecem vivendo em Santa Catarina. Para compreendê-las, é necessário viver em momentos iguais, sob perspectivas semelhantes e se inter-relacionando de formas variadas. Somente dessa maneira é possível tentar enxergar o ambiente que foi encontrado pelos colonizadores luso-hispânicos e como os povos pré-colombianos os perceberam ao interferir no seu ambiente social.

A pretensão primordial deste trabalho – mesmo sendo grande – foi tentar dirigir os olhos dos leitores, sejam eles especialistas ou não, para os habitantes que de fato seriam os verdadeiros “donos” das terras da atual Santa Catarina, pois, como citado no início, a produção historiográfica sobre a expansão catarinense¹⁹ que se desenrolou sobretudo em meados do século XIX é bastante significativa e acaba por sufocar a pequena gama de produções – acadêmicas ou não – de dados e descobertas nos campos de análise das populações pré-coloniais. Obviamente, isso ocorre devido à maior facilidade de acesso a fontes documentais – sobretudo escritas – do período mais recente da história local. Entretanto, ao pisarmos em solo catarinense, como no de todos os cantos do mundo, podemos ter sob nossos pés uma riqueza documental só levada à tona quando grandes descobertas são realizadas. É preciso ressaltar que, apesar da pouca disponibilidade de fontes, muitos dados foram coletados e colocados neste trabalho. Assim, espero que estas poucas páginas tenham contribuído para uma mudança na concepção historiográfica a respeito do território de Santa Catarina.

¹⁹ SANTA CATARINA. **História de Santa Catarina**. Disponível em: <<http://www.sc.gov.br/conteudo/santacatarina/historia/paginas/08imigrantes.html>>. Acesso em: 8 jun. 2007.

